

29/04/2022 - Interview with Gabriela Mora, from UNICEF Brazil

Ana Luiza Savi [00:00:03] Gabriela. Obrigada pela presença. Só para a gente garantir que você está aqui por livre e espontânea vontade e que você topa. Queria te perguntar se você concorda com a gravação dessa conversa e a transcrição dela.

Gabriela Mora [00:00:18] Sim, concordo.

Ana Luiza Savi [00:00:23] Obrigada. A gente levantou aqui algumas informações. Estamos caminhando nesse projeto há algum tempo e algumas perguntas que a gente tem nos feito de fato, com esse apoio da literatura e tudo que a gente vem estudando, outras profissionais que a gente vem entrevistando - inclusive a Juliana Cunha, da SaferNet - têm a ver com quais são essas questões mais centrais em relação à violência contra a adolescente e o adolescente. Afinal, a gente trabalha com essas open chat platforms então para a gente é chave que essa população esteja partindo dos 13 anos ou até dos 16, para que a gente possa fazer essa integração com o WhatsApp. Então, o que eu queria te perguntar tem a ver com os projetos que você conduz e esse contato direto com jovens e as jovens, considerando até o Pode Falar. Quais são esses tópicos que você percebe, que têm chamado a sua atenção nessa população que é um pouquinho mais velha de 13 para cima, mas até de 16 para cima também.

Gabriela Mora [00:01:26] Na Internet?

Ana Luiza Savi [00:01:27] Isso. Em relação à segurança digital.

Gabriela Mora [00:01:32] Então, o ambiente virtual, ele acaba reproduzindo as violências que acontecem no ambiente presencial. Então, os tópicos são os mesmos, com o diferencial de que na internet tudo ganha uma escala incontrolável. Então, se algum tipo de violência acontece num ambiente mais restrito, como uma sala de aula, a hora do recreio ou mesmo dentro de casa, na internet, perde-se o controle, né? De onde, da multiplicidade, da disseminação desse conteúdo e de quantas pessoas vão se envolver nesse caso de violência, seja testemunhando, seja botando pilha e colocando o, alimentando o ciclo da violência. E é muito mais complicado, mais complexo frear, romper o ciclo da violência. Até porque a gente não tem... A média da população não tem nenhum conhecimento sobre as programações, sobre a maneira como é possível fazer para que esse ciclo de violência, para que um conteúdo seja retirado ou para que o conteúdo seja freado e não seja disseminado. Então, considerando esse contexto, né? No contato com os projetos com adolescentes, a gente percebe que são as violências de gênero. Então as meninas acabam mais afetadas mesmo pela violência na internet, considerando que existe uma versão da violência de gênero on line também em que ela se mistura interseccionalmente pensando assim, com questões de raça, etnia e orientação sexual, a região onde a pessoa vive e todos os preconceitos relacionados às questões regionais no Brasil, a questão do corpo e de estar fora de um padrão considerado ideal. Então, as pessoas gordas, as pessoas que de alguma forma não cumprem, não performam o que é esperado socialmente, tanto em relação à feminilidade, masculinidade então... é isso. A internet reproduz esses níveis de violência que acontecem também off line. E ela acaba se valendo de uma... desse testemunho,

né? Se alimentando pelo testemunho. Quanto mais gente vê, visualiza, compartilha, interage e isso vai ganhando escala. E o mais grave é que a internet, as plataformas digitais comerciais, em sua maioria elas já foram pensadas, programadas para alimentar os tipos de polarização, de reações a situações extremas. Então elas acabam lucrando com esse comportamento humano que já tem uma tendência a reagir quando algum conteúdo mais extremo é apresentado. Então, se acontece, seja até por indignação, né? Às vezes, é colocado um dado ligado a um tipo de violência que por ventura tenha acontecido e as pessoas tendem a reagir àquilo, né? Faz parte da nossa humanidade. Reagir a essas formas extremas. Então, quanto mais se reage, mais isso ganha visibilidade e, portanto, as empresas lucram com isso. Então, toda a lógica de funcionamento dessas plataformas digitais acaba fomentando que essas violências se perpetuem e se reproduzam no ambiente digital.

Ana Luiza Savi [00:05:41] Claro, é muito interessante o que você está trazendo em relação a escala incontrolável e o quanto é mais complexo de romper esse ciclo de violência. Até em relação a essa natureza da reação. O que eu fiquei me perguntando é que você me contou que muitas vezes, por exemplo, a violência de gênero é um tipo de violência que você tem observado muito nos projetos que vocês têm performado nos últimos tempos. Essa violência de gênero tem uma "cara" específica, como, por exemplo, a pornografia de revanche ou sextorsão?

Gabriela Mora [00:06:18] Sim. A gente até evita falar nesse termo de pornografia de revanche, porque não é, não é bem pornografia, a indústria pornográfica ou tem um modo de funcionamento e é assim uma revanche. Eu acho que a palavra central é o consentimento. Então, realmente a gente prefere usar o termo de vazamento de imagens íntimas sem o consentimento, porque é isso que está em jogo. É o consentimento de alguém que, supostamente, numa relação de confiança, expôs o seu corpo ou alguma... De alguma maneira, teve um combinado de que aquela imagem não sairia daquele canal de confiança, de uma relação de confiança e alguém vaza e isso ganha uma escala. E num mundo machista em que a gente vive, corpos expostos das mulheres acabam sendo essa, gerando uma pressão muito violenta, muito mais do que a dos homens, né? Então, o valor moral da exposição de um corpo da mulher é muito diferente do valor moral da exposição de um corpo masculino. Então acaba que as meninas sentem muito essa pressão: se por um lado elas estão numa fase de desenvolvimento e de conquista da autonomia, inclusive sobre seus próprios desejos, então aí tem também quase que uma mensagem social assim, né? De que as meninas não podem vivenciar sua sexualidade com a liberdade. E, nesse sentido, a exposição dos seus corpos sem o seu consentimento é um tipo de violência que gera consequências para além da internet junto a suas famílias. Por causa desse controle moral e social em outros ambientes de socialização de adolescentes, a escola ou entre amigos, enfim. Então, esse tema, do vazamento de imagens íntimas, é bastante recorrente. Mas tem outras coisas ligadas - a Juliana vai saber mensurar muito mais pelo fato da Safernet ter um canal de denúncia - claro que essas denúncias estão sempre sub-representadas e sub-registradas, porque muita gente nem sabe denunciar, não conhece os canais e também quando essa denúncia é feita, nos casos mais de formalizar uma denúncia, por exemplo, na polícia, depende do apoio de algum adulto de referência, uma pessoa adulta na vida desse adolescente que não consegue

fazer sozinha e já, já traz um grau de complexidade a mais para quem está já com medo de alguma sanção pelo seu próprio comportamento. Então, eu acho que tem outros mecanismos de violência mais sutis em relacionamentos abusivos, por exemplo: esse controle excessivo, uso de GPS, a disponibilização da senha para que, por exemplo, um companheiro consiga acompanhar o comportamento na internet da menina... E uma coisa que eu acho, que é bem grave, que tem acontecido muito também é um discurso de ódio quando essas pessoas têm algum posicionamento público. E esse discurso de ódio, ele está muito impregnado do racismo, da gordofobia, da LGBTQIA+fobia. Então são práticas de discurso de ódio. Se a gente fala de modo genérico, a gente acaba omitindo o nome que as coisas têm e, portanto, evitando com que se criem soluções para as coisas, né? Para essas violências que são violências muito específicas. Então, é uma forma de racismo e todos esses nomes é importante também que se mencione. E isso também acontece na internet, em que as pessoas têm também essa tendência a falar mais livremente, talvez até se comportando de uma maneira distinta do que seria no face a face em relação a como cancelar as pessoas, jogar um discurso de ódio, ofender, fazer injúria, fazer difamação... Então são também casos recorrentes que a gente percebe. Outro dia, mesmo numa live do Unicef e em que pessoas negras estavam presentes apresentando, esse tipo de discurso de ódio racista aconteceu e a gente precisa ter mecanismos de proteção porque, além disso afetar a autoestima, a saúde mental das pessoas e de ser um crime mesmo, ser algo que a gente não pode tolerar, de maneira alguma isso ainda fica registrado. A depender da plataforma. E se reproduz e se reproduz cada vez que alguém visualiza. Então, a gente tem tido mais cuidado mesmo, até com eventos públicos virtuais ou grupos fechados para evitar esse tipo de coisa.

Ana Luiza Savi [00:12:37] É tão interessante, na verdade eu tenho até algumas dúvidas. Vou até me permitir aqui te perguntar para entender um pouquinho mais, principalmente nessa questão do discurso de ódio, do cancelamento. É algo que a gente tem visto com muita frequência, mas na literatura ainda é algo que as pesquisas não têm tantas informações ou pelo menos pelo que eu tenho visto (em relação à) quanto se tem em relação a cyberbullying, por exemplo, por ser um fenômeno também muito recente. Mas o que a gente tem visto é um pouco dessa presença, do discurso de ódio e dessa questão da mistura: eventualmente, começar ali por um posicionamento que, de fato é equivocado, esse posicionamento ser denunciado através desse exposed e aí, depois dessa exposição, essa pessoa receber todos os tipos de ataques, inclusive nessa questão do discurso de ódio bem presentes, e o que a gente tem percebido, até ouvindo alguns relatos, é que esse fenômeno do cancelamento tem acontecido inclusive no offline, em algumas pessoas, nas universidades. Agora, nas volta às aulas, evitando falar algumas coisas ou tendo falado e vivendo esse processo de cancelamento. E eu queria te perguntar se você tem visto esse processo acontecer também entre os adolescentes que vocês têm trabalhado.

Gabriela Mora [00:14:09] Sim. Tem teóricos que falam da sociedade, da plataforma. Depois, posso até buscar o nome do autor ou autora, não me lembro agora, que fala dessa plataformização da sociedade. Quer dizer, é a mesma lógica das plataformas. Ela acaba sendo absorvida também em outras dinâmicas de comportamento social. Então as plataformas digitais comerciais, praticamente todas, são geridas por essa lógica da polarização que acaba, assim

como eu já falei, gerando essa tendência, a reação a posicionamentos extremos. É um tribunal em que se condena as pessoas inquietas e com essa dinâmica, a tendência humana é reduzir as habilidades do contraditório, de lidar com o contraditório, de argumentação e de debate saudável, enxergando posicionamentos contrários e aprendendo com isso. Então, é como se a gente tivesse aprendendo com as plataformas a eliminar o contraditório: vão se criando esses filtros bolhas, a gente acaba convivendo e discutindo só com quem pensa parecido com a gente e a gente vai perdendo a nossa habilidade de argumentação e de respeito às diferenças de pensamento, então tem uma consequência bem séria. Assim, quando a gente reproduz a mesma dinâmica social das plataformas digitais em outras esferas, mesmo offline, presencial assim, em que a gente cancela simplesmente alguém que porventura tenha dito algo inapropriado ou com o qual a gente não concorda. É como se essa pessoa deixasse de existir socialmente, a voz dessa pessoa, a razão dela é tirada, ao invés da gente aprender com isso e buscar formas mais pedagógicas de lidar com o contraditório, de aprender com os próprios erros ou mesmo do direito à defesa, porque todo mundo tem direito à defesa. Mas o tribunal, antes de falar do tribunal do Facebook, mas não só do Facebook, de qualquer plataforma assim, ela tende a condenar as pessoas antes mesmo delas terem qualquer direito de defesa, de apuração dos fatos ou de retratação. Então, a gente está perdendo mesmo essa capacidade de argumentar, de lidar com o contraditório como consequência dessa reprodução da lógica das plataformas e outras dinâmicas sociais.

Ana Luiza Savi [00:17:49] Assistindo uma aula dada pela Juliana Cunha falando sobre o discurso de ódio, ela comentou sobre a presença de um gatilho que antecede essa cultura do cancelamento ou mesmo esse discurso do ódio. Quais são esses gatilhos que você percebe que têm estado presentes na população adolescente?

Gabriela Mora [00:18:17] Só um pouquinho para resgatar aqui a autoria da sociedade da plataforma. É uma autora que embora seja mulher, ela tem o nome de José, escreve José van Dijk. De que eu vou escrever aqui pra você ter se você tiver interesse.

Ana Luiza Savi [00:18:41] Ela deve ser holandesa, talvez.

Gabriela Mora [00:18:44] Sim, todo o jeito, né? Deixa eu ver aqui de onde ela é.

Ana Luiza Savi [00:18:52] Muito legal! Já encontrei ela aqui.

Gabriela Mora [00:18:59] Olha só, é porque o nome dela é Maria José. Ela é (dos) Países Baixos, Utrecht, é Holanda mesmo. Então, a pergunta era sobre os gatilhos?

Ana Luiza Savi [00:19:19] Os gatilhos que antecedem essa cultura do cancelamento e o discurso de ódio em si na população adolescente.

Gabriela Mora [00:19:29] Eu não sei se entendi, desculpa. Os gatilhos que geram um mal estar nos adolescentes e que estão presentes nas plataformas? Você pode me ajudar?

Ana Luiza Savi [00:19:44] Claro, vou reformular. A minha pergunta é a seguinte: estudando essa questão do discurso de ódio, a gente tem tentado, de fato articular um pouco dessas necessidades que a gente tem observado na população adolescente, que é um pouquinho mais velha, e a gente tem percebido que, por exemplo, a questão do cyberbullying, que é algo que a gente até comentou, algumas pesquisas têm mostrado que ele tem seu pico entre os 13 e 15 anos, por exemplo. E quando a gente foi investigando essa população mais velha, a gente foi encontrando alguns dos fenômenos que parecem estar mais presentes nessa população. Um deles é o discurso de ódio e cultura do cancelamento. O que eu trouxe sobre os gatilhos foi que eu estava assistindo uma aula agora há pouco, essa aula foi da Juliana Cunha com a Gabriela Almeida, que hoje está na ONU Mulheres, e elas estavam contando que antes do discurso de ódio, ou talvez essa forma de permitir com que ele aconteça, existe um gatilho como algum tipo de exposed, publicar numa rede social, ou algum tipo de comportamento que faz com que esse discurso de ódio seja de alguma forma autorizado. Esse justificação contra a pessoa. Eu queria te perguntar se você tem essas informações ou se você tem observado algo sobre esses gatilhos nessa população em específico.

Gabriela Mora [00:21:14] Deixa eu só tentar achar um conceito, eu não sei se é exatamente isso que você está perguntando. Eu ainda não tenho certeza se eu entendi. Estou entendendo assim: quais seriam os comportamentos possíveis... Não sei. Gatilho é um termo mais usado na psicologia. Eu não sou da área. Mas assim, quais os comportamentos e atitudes que, de alguma forma permitiriam um discurso de ódio? Autorizariam um discurso de ódio nas redes.

Ana Luiza Savi [00:21:45] É isso. Só para ficar bem claro, por exemplo, o exemplo que ela usa e o contexto de eleições. Então, demonstrar o seu posicionamento eleitoral nas redes pode ser um tipo de gatilho que abre espaço para o discurso de ódio aparecer.

Gabriela Mora [00:22:09] Ah, tá. Não sei, eu nunca pensei dessa maneira, mas acho que tem uma tendência de uso dessas plataformas hoje em dia, como espaços quase exclusivos para debate. E são, como eu tinha falado no início, são plataformas que foram criadas na lógica da polarização.

Gabriela Mora [00:22:45] Então, o espaço para um debate nessas plataformas está fadado a dar errado, porque as plataformas, a lógica das plataformas, não é de um debate livre, como seria em outros fóruns por exemplo, numa audiência pública, numa sala de aula, numa palestra em que discute - pensando nesses espaços presenciais - ou mesmo num livro, numa revista em que é possível a exposição das ideias de uma forma mais completa. É tudo muito restrito a um número de toques, à quantidade de imagens. E, além disso, dentro dessa lógica da polarização. Então, eu acho que tem essa... É quase que um destino, né? Dos debates que acontecem on line, de partir para posicionamentos extremos e, consequentemente, a reação a eles, que pode ser o cancelamento. Por outro lado, quando eu penso na violência de gênero, aí eu acho que entram outras questões. E o que me veio à cabeça é pensar mesmo como as relações hoje estão mediadas pela tecnologia, inclusive a sexualidade, mas a gente usa a tecnologia sem dominar e sem a transparência sobre como esses algoritmos

funcionam, como esse mecanismo das plataformas age. O que eles estão fazendo com as informações pessoais que a gente mesmo alimenta para as plataformas? Então, é um nível de controle muito desigual, muito desequilibrado. De um lado, o usuário, a usuária com pouco acesso a informação sobre como essa plataforma funciona, oferecendo dados pessoais, ideias, pensamentos, nudes, imagens. E do outro lado as empresas, que são sempre as mesmas e muito poucas, comandando como a lógica do jogo vai funcionar. Quais são as regras do jogo? Então, o risco da gente cair nessa consequência de ter um julgamento moral sobre o que fez, ou um vazamento e perder de alguma forma o controle sobre o que é dito ou sobre o que é exposto é muito grande para o usuário, para a usuária, né? E tem ainda, dentro dessa lógica de oferecer esses dados pessoais, imagens íntimas, uma versão liberal do que seria o feminismo, do que seria a liberdade de expressão. É como se eu estivesse permitindo que, como se significasse o fato de eu expor o meu corpo eu tivesse conquistando, mesmo: autonomia, liberdade e exercitando a minha sexualidade. Só que, dentro de uma lógica liberal de oferta, isso vai virar um produto em última instância. Tem uma outra autora, acho que ela é espanhola, que fala do patriarcado de consentimento. É quando a gente mesmo consente à lógica do patriarcado. E isso acaba estimulando uma alimentação de determinados comportamentos, atitudes e que depois... Nunca vai deixar de ser patriarcado, mesmo tendo sido consentido. Então, tem consequências para quem está no lado mais frágil, que em geral, são as meninas.

Ana Luiza Savi [00:27:17] Então deixa eu só ver se eu entendi: esse feminismo mais liberal, essa postura mais liberal, que tem tudo a ver com essa individualização das demandas coloca a autoprodução e o autocompartilhamento de imagens nesse lugar da descoberta da sexualidade, da descoberta do corpo e das relações com o outro. Só que isso, dentro dessa mesma lógica, acaba sendo utilizado como um produto e compartilhado de forma descontrolada e isso gera efeitos negativos, mesmo que eles (esses conteúdos) tenham sido compartilhados de forma consentida.

Gabriela Mora [00:27:59] Eu acho que assim: o nível de controle que a gente tem, mesmo sendo a autora no sentido de ter providenciado e disponibilizado imagens ou ideias, no caso do tema que você trouxe da questão eleitoral, por exemplo, eu não tenho total controle depois do que se é feito. No caso das meninas, da violência de gênero, eu pensei no patriarcado porque, no fim das contas, as regras sociais e desiguais que regem o mundo fora da internet também (estão) dentro da internet, só que na internet a gente tem muito menos controle. Então, embora supostamente como um feminismo, uma atitude, um comportamento feminista nessa perspectiva liberal, que é que acaba fazendo uso dos corpos como produtos. Nas capas de revista, nas músicas vendidas, de alguma forma como um produto. Vai ter também a resposta a isso: é uma reafirmação do patriarcado. Mesmo tendo sido consentida. Então, a gente estava falando até então do vazamento de imagens íntimas sem consentimento, o que já é bem grave e traz consequências para o bem estar, para o desenvolvimento das meninas. No caso dessas imagens terem sido consentidas a sua exposição, mesmo assim, o patriarcado não deixa de operar sobre essas imagens e, consequentemente, sobre as autoras dessas imagens.

Ana Luiza Savi [00:30:28] O que eu fiquei pensando aqui foi: o que será que a gente faz com isso? E principalmente pensando nesse conteúdo que é autoproduzido, seja do lado das imagens, ou seja do lado das ideias. Como que você diria que os jovens e as jovens poderiam lidar com essas questões de uma forma a diminuir esses efeitos ou, eventualmente, a gente fazer uma prevenção dessa violência no âmbito digital?

Gabriela Mora [00:31:05] Hoje em dia é praticamente inviável pensar numa vida sem a presença da internet. Principalmente para essas novas gerações. Parte do trabalho de desenvolvimento de mecanismos de defesa, de resiliência ou de criação mesmo vai ter que acontecer a partir do uso da tecnologia e da internet, mas com muita literacia midiática, literacia digital ou educação para os meios digitais ou nos meios digitais, programação, o desenvolvimento de algumas habilidades que ainda não fazem parte do repertório educacional de adolescentes, principalmente para as meninas. Então, fomentar esse tipo de engajamento desvendando, desmistificando a ciência e a tecnologia e fomentando a participação das meninas nessa espera. E não só das meninas, mas das diversidades de perfis, para que essas, no futuro, essas plataformas, não tenham sido só programadas por homens brancos, como atualmente acontece. Então, para que na programação dessas plataformas a diversidade já tenha sido autora e, consequentemente, assim será possível que essas plataformas sejam menos violentas com alguns públicos que hoje estão excluídos da programação, da criação e da governança dessas plataformas. Então, o envolvimento das diversidades todas, em questão racial, de gênero, orientação sexual, diferentes tipos de corpos, de naturalidade no sentido de onde vem a pessoa, de regiões... Que isso não esteja tudo concentrado nas mãos do norte global, como é hoje. Acho que isso vai, no longo prazo, ter uma consequência muito positiva e saudável para que essas plataformas sejam mais inclusivas. Mas, para isso, é preciso ter regulação. É preciso ter política pública e regulação, da tecnologia digital, dos meios. Então antigamente, a gente tinha a televisão, por exemplo, como o principal meio de comunicação para disseminação de informação para a sociedade e as televisões são concessões públicas que de alguma forma são reguladas. Acho que a gente tem alguns marcos legais com o Marco Civil, mas ainda há uma baixa implementação e uma falta de conhecimento mesmo, de apropriação por parte de adolescentes, de professores e de quem está ali no dia a dia, lidando com a formação das novas gerações. Então, eu acho que tem esse dever de casa, né? Que é muito, muito. Não é fácil. Mas que para que a gente consiga reverter, porque do jeito que está, do jeito que são as plataformas hoje, é muito difícil conseguir reverter essa lógica. E eu acho que o que pode acontecer, e é tudo paralelo, nada é mais importante do que o outro, mas é tudo acontecendo junto também é a educação e a formação com senso crítico. Então, a identificação do que é fake news, do que é fato, do que é argumento... Que não necessariamente vai acontecer na internet. Se por um lado tem a necessidade de um envolvimento das novas gerações no desenvolvimento tecnológico, na educação, para as tecnologias, na programação e tudo, por outro lado, tem uma outra parte que se desenvolve fora das telas também, que é mesmo o senso crítico, a capacidade de argumentação, o repertório de leitura, a capacidade de conviver com a diferença e de respeitar e de celebrar a diversidade, que são algumas das habilidades necessárias para ter um bom uso da internet, mas que se desenvolvem fora da internet também.

Ana Luiza Savi [00:36:20] Eu fico pensando enquanto você fala em três grandes esferas: por um lado, essa questão das políticas públicas, da regulamentação e da governança da internet. Por outro lado, essa regulação das plataformas em si, que precisam criar mecanismos e também ter no cerne essa diversidade presente em termos de programação e também em políticas de reporte. E, por outro lado, esse campo do indivíduo que tem a ver com essa resiliência e com esse senso crítico. Se a gente pudesse olhar para um desses comportamentos, então você me trouxe principalmente essa questão do compartilhamento de imagens íntimas de forma não consentida e a questão do discurso de ódio: como que você enxerga essas habilidades acontecendo no (momento de) lidar com essa situação. Então, por exemplo, se a gente falasse sobre esse compartilhamento não consentido e uma jovem que se depara com isso ou uma pessoa que se depara como testemunha. Como você enxerga essa situação acontecendo para o jovem em si? Então, como que é para ele e para ela lidar com essa situação hoje? Quais são os comportamentos que você observa que acontecem? Quais são os mecanismos de ação, ou mecanismos de autoproteção que eles e elas usam?

Gabriela Mora [00:38:04] Acho que os adolescentes contam com pouca referência de proteção. No fim das contas, quando o bicho pega, eles encontram soluções entre pares. Com outros adolescentes, com outras adolescentes, com as amigas e que, por sua vez, são pessoas também, com um repertório mais limitado sobre o que fazer, porque não tiveram e não passaram vendo essa história de uma educação para os meios digitais. Então, e mesmo também assim, não só meios digitais, mas (vêm) de uma educação que reproduz toda essa violência social, da desigualdade, do machismo, do racismo. E então, para os adolescentes é muito complicado, o repertório é muito limitado, as pessoas em quem confiar são muito limitadas e a gente ainda tem alguns tabus ligados à autonomia de adolescentes, a capacidade de decisão, o próprio exercício da sexualidade, a vivência da sexualidade, que acaba fazendo com que encontrar pessoas confiáveis e fontes confiáveis de informação sobre o que fazer fica ainda mais difícil, já que esses temas são tratados como tabus. Então, hoje assim é isso: os adolescentes contam com eles mesmos ou como o Google, né? Aí pode vir qualquer coisa dentro dessa lógica do Searching Engine Optimization que o que vem primeiro é quem está bancando mais. Então, o acesso a redes de proteção, redes de apoio, inclusive para saúde mental é muito limitado para os adolescentes. E é nisso que a gente vem investindo, em uma tentativa de educação entre pares, já que estão contando uns com os outros, então será que os próprios adolescentes poderiam ser referências para os outros assim de entender caminhos? Só que nada substitui a política pública. Então, às vezes esse papel de alguém de referência é para encaminhar para a política pública e para fazer o B.O. (boletim de ocorrência) no caso de violência, é para encaminhar para o Conselho Tutelar, é para fazer o acompanhamento na saúde mental, com profissionais capacitados para isso. Então, por um lado, é fomentar essa capacidade de articulação entre pares e por outro, é qualificar a demanda, porque eles vão estar demandando serviços públicos de mais qualidade. Para esse mundo que fica cada vez mais complexo. A gente tem trabalhado nesse sentido de, por um lado, conversar direto com adolescentes sem muita mediação, porque a gente sabe que os mediadores, por mais bem intencionados que sejam assim, às vezes dificultam que a conversa seja mais de papo reto mesmo, por causa de todos esses tabus, então determinados assuntos a gente

não vai conseguir ter acesso à informação se não for direto com adolescentes. E, por outro lado, há todo um trabalho de formação, de capacitação contínua de profissionais que estão ali na ponta e lidando com adolescentes no dia a dia, seja na escola, na unidade de saúde, na assistência social. E, por outro lado, também acho que desenvolvimento de pesquisas para a gente fazer com que essa voz, essas vozes e essas demandas sejam escutadas, sejam levadas em consideração. Então, é uma coisa que se retroalimenta para construção de políticas públicas. Mas assim, o que vai dar escala à política pública. A gente exigir comportamentos individuais responsáveis apenas, vai depender da figura que se formou, que teve um discernimento maior, é muito mais complicado. Então, o ideal é que isso ganhe escala com a oferta de políticas públicas de qualidade na área de educação, de saúde e também nessa área de regulação dos meios.

Ana Luiza Savi [00:43:33] Você está me contando um pouquinho dessa iniciativa de educação entre pares e, pelo que eu estou entendendo, a iniciativa, o real valor dessa iniciativa, no fim das contas, em termos escaláveis, é a qualificação da demanda para depois, levá-la para essa questão da política pública e as medidas cabíveis a cada uma dessas situações. Vocês já tiveram alguma iniciativa de educação entre pares em relação a essas demandas com adolescentes?

Gabriela Mora [00:44:07] Sim, sim, várias. Quer que eu cite algumas? O principal trabalho do Unicef, o projeto principal do Unicef no Brasil é o Selo Unicef. São mais de 2000 municípios no semiárido, na Amazônia que se cadastram nesse programa para qualificar as políticas públicas e fazer uma política pública mais centrada na infância. E aí, tem indicadores sociais e essa gestão municipal vai desenvolvendo algumas ações e mobilizando a comunidade. Parte desse jogo é a criação dos NUCAS, os Núcleos de Cidadania de Adolescentes. Então, são centros, na verdade, um grupo de adolescentes que se reúnem em torno de alguns temas. O tema da segurança da internet foi um dos temas do ciclo passado, então, a gente disponibilizou uma série de materiais e um guia e esses NUCAs tinham então que se articular em torno desse tema: fazer pesquisa, fazer debate, enfim. Tem umas coisas que acontecem mais organicamente, tipo o... Eu acho que tudo que a gente faz, que a gente inventa, os Chatbots, a gente sempre faz questão de fazer consulta a grupos diversos de adolescentes, até para tentar acertar, né? Embora tudo seja um grande experimento, nem sempre a gente acerte. Embora um desses Chatbots, que foi exatamente o Caretas, que foi criado sobre o vazamento de nudes e era uma personagem, que contava a sua história... E então, primeiro que eu acho que primeiro o primeiro roteiro veio, foi escrito assim, com todo respeito ao Nico e a turma dos criativos, mas não foi escrito por adolescentes e não foi escrito com base em consulta com adolescentes, portanto, tinha um viés, né? Então quando a gente apresenta isso para grupos de adolescentes, para professores que estão em contato com a adolescente, isso vira de cabeça pra baixo e a gente tem que trazer novidades do roteiro, mudar e transformar para que isso realmente comunique. E uma coisa interessante que aconteceu no caso do Caretas, que foi de forma orgânica e que mostra bem essa coisa entre pares, é que o negócio viralizou quando caiu nas graças de alguns grupos de gamers do League of Legends e de fãs da Lana Del Rey. E essas pessoas começaram a produzir conteúdo sobre o Caretas nas suas

redes, com vídeos. E aí eu não sei quem jogou um rumor de que a Fabi, que é a personagem, ela morria a depender da sua interação com ela.

Gabriela Mora [00:47:34] O que era mentira. Mas, enfim, isso acabou gerando um (inaudível), essa coisa entre adolescentes, entre jovens, né? A coisa ganhou uma escala orgânica mesmo, de várias pessoas falando sobre o assunto, querendo testar, querendo experimentar e contando para os outros, o que foi algo que a gente não previu e que, mas que mostra a força dessa comunicação entre pares, porque quando a gente lançou o Chatbot com as vias oficiais de press release, não deu nada, sim. E quando o produto caiu nas graças de adolescentes e jovens influenciadores ou que, sei lá, de alguma forma se sentiram à vontade para falar sobre o assunto e apresentar para outras pessoas assim... Quando o produto vem apresentado por alguém que você confia e no caso, quem eles confiam são os próprios adolescentes, isso deu uma escalada na quantidade de usuários incrível. Então a gente vem agora, já sabendo disso, com uma lição aprendida, né? Porque quando a gente falava antes de educação entre pares - e acho que o Unicef tem um histórico de educação entre pares, não é que nasceu com o Caretas, né - mesmo na época dos anos 90, quando se falava de prevenção ao HIV, esse era um grande tema, já se sabia que é entre pares que se passa a informação confiável. Então a gente tem programas que não têm necessariamente a ver com tecnologia, como o Viva Melhor Sabendo Jovem, que é um programa que fomenta a testagem para o HIV, que está em grupos de jovens que vão para ambientes cheio de jovens na noite com caminhões equipados. E essas pessoas são formadas para fazer essa abordagem de outros jovens na sua linguagem. Então, isso é uma coisa que UNICEF já faz há muito tempo, assim como vários ONG fazem: Viração, muitas ONGs que trabalhavam na área de arteeducação nos anos 90 e começo dos anos 2000. Então isso não vem com a tecnologia, né? O lance é que agora a gente está nesse desafio de traduzir isso para ambientes digitais. Mas é algo que já faz parte assim, de muitos programas do Unicef na área de saúde, na área de educação, na área de arteeducação, no caso. E outras áreas.

Ana Luiza Savi [00:50:29] E isso é muito interessante e de fato, acho que é uma dificuldade mesmo para a gente fazer essa conexão com os jovens no sentido de onde encontrá-los, se existem organizações que já fazem essa conversa sobre segurança digital, por exemplo, ou sobre esse processo de cocriação dessa demanda mais qualificada ou de como eventualmente encaminhar essas denúncias de crimes que acontecem on line ou esses processos de cancelamento. A gente está falando de vários fenômenos diferentes. Mas uma pergunta que eu gostaria de fazer se você conhece organizações que trabalham com jovens nesse sentido e que talvez possam ter interesse em nos conectar com os jovens que tenham interesse em falar sobre segurança digital? Tenham interesse em co-criar com a gente um projeto que fale de jovem, que fale com eles, de uma linguagem que seja acessível, tal como o Caretas, por exemplo. Eu entendi que essa questão da disseminação ela precisa acontecer de jovem para jovem e que isso é um marcador dessa relação confiável. Mas para a gente construir um projeto que seja co-criado com jovens e, eventualmente, a construção de um comitê, que é o nosso plano para esse projeto: essa co-criação, tanto dos roteiros quanto das habilidades que são importantes, quanto à definição dos tópicos que a gente está fazendo, essa especificação,

nesse momento. Você conhece organizações ou você teria como nos conectar com algum grupo de jovens que poderia se interessar por esse trabalho?

Gabriela Mora [00:52:15] A Safernet trabalha com jovens embaixadores e, fora isso, eu não sei. A Viração trabalha com jovens comunicadores, mas não necessariamente com os de tecnologia. Até porque assim, a tecnologia está presente, seja lá qual for o tema, né? Mas específico sobre segurança da internet, eu não conheço além da SaferNet. E tem assim grupos de hack feministas, ciber feministas que eu também não conheço. E eu estou até pesquisando isso agora, mas estudando isso, né? Mas eu ainda não sei, não conheço. E o Unicef mesmo não tem muita, muito contato, mesmo, fora o que a gente faz. O que a gente fez de piloto foi em escola, então é entrar via Secretaria de Educação mesmo. E tem que mapear quem fez... Implementou a lei anti-bullying na escola, né? Usar essas brechas das estruturas pré-existentes para encontrar quem já fez alguma coisa. Mas fora a Safernet, então eu não conheço mesmo.

Ana Luiza Savi [00:53:39] É esse NUCA que você comentou comigo que no último ciclo falou sobre segurança digital. Ele ainda existe e ainda está em funcionamento, tem alguém que eventualmente poderia conversar (com a gente)?

Gabriela Mora [00:53:50] Na verdade, são 2000 municípios que têm os NUCAs. Então, são muitos grupos e que eles vão trabalhando diversos temas. A gente está em um novo ciclo agora, então os núcleos que abordaram esse tema foram do ciclo passado. A galera já deve ser mais jovem agora do que adolescente. Quem era adolescente no ciclo passado? Cada ciclo dura o tempo da gestão municipal.